



## **As relações de poder e as instituições mantenedoras das bandas de música de Pedro Leopoldo/MG: um estudo de caso**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL E PÔSTER

SUBÁREA: MUSICOLOGIA, ESTÉTICA MUSICAL E INTERFACES

*Ana Carolina Malaquias Pietra*  
UFMG – krolzinhapl@yahoo.com.br

*Edite Rocha*  
UFMG – editerocha@ufmg.br

**Resumo.** O presente trabalho apresenta resultados e hipóteses da pesquisa de doutorado intitulada “Complexo banda”: a prática das Corporações Musicais em Pedro Leopoldo/Mg, em andamento. Com base na compreensão das bandas como estruturas sociais, organizadas de forma macro e micro – estruturais e pessoais - como reflexo das interações sociais, esta proposta analisa as relações de poder exercidas pelas instituições que mantêm os grupos locais e suas consequências. Acreditamos que identificar e refletir sobre tais relações nos auxilia a ampliar a noção de música como arte e/ou entretenimento e conhecer mais os elementos sociais que impactam de forma efetiva o fazer musical das bandas.

**Palavras-chave.** Bandas de música. Relações de Poder. Musicologia.

**The power relations of the institutions that support Pedro Leopoldo / MG's wind bands: a case study**

**Abstract.** This paper presents some results and hypotheses of the ongoing doctoral research entitled “Complex band”: the practice of Wind bands in Pedro Leopoldo / MG, Brazil. Regarding wind bands as social structures, in its macro and micro dimension as reflections of structural and personal social interactions, the present analysis seeks to understand power relations performed by these institutions and its consequences. In this aspect, we believed that identifying and reflecting upon these relations can amplify the notion of music as art and/or entertainment, as well, better knowing the social relations that effective impact the musical practices of wind bands.

**Keywords.** Wind bands. Power relations. Musicology.

### **1. Introdução**

Na história e no fazer musical das bandas, as relações de poder passam, por vezes, discretamente entre a função que se ocupa (como o cargo de regente, por exemplo) e a extensão do poder, que podem ir além das atribuições desempenhadas. Ao refletirmos sobre as possibilidades de colaboração, dominação ou troca entre as bandas e as instituições mantenedoras, existem ainda outras formas de atuação que carregam intrinsecamente valores, interesses e influências. Esta tendência de ocultar ou não refletir as formas de poder em meio às práticas musicais cotidianas, que Bordieu conceitua como “poder simbólico”, reside na cumplicidade daqueles que exercem ou que o fazem involuntariamente, e que nos faz refletir por exemplo, qual seria o limite da atuação das instituições que mantêm os grupos nesta espécie

de “contrato social” entre as partes. Assim, de que forma podemos analisar o poder em meio ao cotidiano da prática musical das bandas?

Para compreender as negociações que delineiam as diferentes formas de instituição do poder, entendemos a etimologia da palavra como elementos que podem ser desenvolvidos e pensados neste âmbito das bandas de música: a palavra poder (do latim vulgar *potere*, contração de *potis*) recorrentemente confere ações que exprimem força, capacidade, autoridade, controle ou persuasão, seja ela exercida por uma instituição ou indivíduo, de forma consciente ou deliberada. Muitos autores compreendem ainda como a capacidade de mobilizar e reunir forças econômicas, dominação patrimonial, forças sociais ou políticas para obtenção de resultados ou ações. Pode-se ainda dividir o poder em categorias mais específicas, que permitem a visualização e a reflexão em eixos: poder social, poder político, poder constituinte, poder moderador, poder potencial ou poder coordenador (FERREIRINHA e RAITZ, 2010).

Para o presente trabalho, tais referenciais são trazidos para o contexto da prática das bandas de música de Pedro Leopoldo/MG, fundadas no início do século XX e que estão em atividade até os dias atuais (2020): a Corporação Musical São Sebastião de Vera Cruz de Minas (1911), Corporação Musical Cachoeira Grande (1912) e União Musical Nossa Senhora da Conceição (1932)<sup>1</sup>.

## **2. Uma perspectiva Foucaultiana sobre as relações de poder na prática das bandas de música**

A cadeia do pensamento foucaultiano, acerca das relações de poder, entende a dimensão da vida social como uma situação estratégica de correlações simultâneas de força, de onde emergem múltiplos pontos que permeiam as relações. Os fatores sociais atribuem poder ao indivíduo/grupo ou a uma classe - uma qualidade que constitui o fenômeno social – e, ao considerar as bandas inseridas em seu contexto, nos permite fazer associações e perceber como ela é influenciada e submissa aos eixos do poder em âmbito municipal, por exemplo.

O poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria ou que o exerceria devido a seu nascimento; ele torna-se uma maquinaria de que ninguém é titular. Logicamente, nesta máquina ninguém ocupa o mesmo lugar; alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia. De modo que eles podem assegurar uma dominação de classe, na medida em que dissociam o poder do domínio individual. (FOUCAULT, 1979, p.219)

Encontramos episódios ao longo da história dos grupos passíveis de estudo, nos distanciando da música/arte como meio de entretenimento e assumindo seu papel dentro do contexto social que se insere. Apesar de compreendermos que a música cumpre as

duas funções, as mesmas não são excludentes, propiciando óticas, análises e reflexões distintas. Os diferentes âmbitos apresentados acima podem ser associados ao conhecimento, prestígio e valor que a banda imprime na região ou para a instituição que a mantém, a saber: em uma das fontes hemerográficas que ainda está em análise na pesquisa, encontramos a substituição do nome da banda pelo nome da instituição que a mantém (descrita como “*a banda da Fábrica*”) na recepção de uma autoridade em sua passagem na cidade. Embora possa ser considerada ainda uma hipótese, essa troca do nome da corporação em um contexto social relevante como o descrito na reportagem, nos faz pensar que a Fábrica ser detentora da banda conferia a ela automaticamente um *status*, perante a autoridade que visitava a cidade. Em um excerto de redação manuscrita e preservada pelo memorialista local Geraldo Leão, a banda é citada durante a visita de outra autoridade em Pedro Leopoldo, e a atuação da mesma foi descrita como elemento relevante do contexto das atividades que ele desenvolveu enquanto esteve na cidade:

No dia 22 de julho, houve o seguinte: o pessoal Pedroleopoldense convidou o Secretário da Agricultura, Sr. Daniel de Carvalho, para assistir às corridas. Então no dia 22 deste, às onze horas, a banda de música foi à Estação. Na hora em que o Vsa. Excia desembarcou, soltaram fogos e a banda de música entoou lindos toques<sup>2</sup>. (LEÃO, Geraldo, *manuscrito*, 1924)

Para além das questões que dizem respeito a essa teia de poder entre os grupos e suas instituições, há ainda as diferenciações na produção de identidades individuais e coletivas que podem exercer influências nas relações de poder interbandas, sobretudo por serem três corporações contemporâneas e pertencentes ao mesmo município, em que muitas vezes compartilham o mesmo contexto de atuação, trânsito de músicos, maestros *etc.*

Tendo como embasamento teórico Michel FOUCAULT (1984 e 1979), em seus diversos trabalhos na busca pela compreensão do poder como uma grande trama que correlaciona forças e lutas, este autor identifica e analisa a forma como os sujeitos atuam sobre os outros e as forças que fazem com que os eixos estejam interligados. O poder não está localizado ou centrado em uma instituição. É possível verificar a existência de uma de “rede de microfísica do poder” dissolvida por todo o tecido social onde as relações institucionais de poder são marcadas pela disciplina, possibilitando a maior percepção de tais relações, como a de subordinador/subordinado, entre outros. Nessa relação assimétrica, identificamos uma concepção centralizada do poder, que institui a autoridade e a obediência.

Aproximando a perspectiva foucaultiana para a prática das bandas de música, esta cadeia pode ser observada nas relações entre instituições mantenedoras, maestros e músicos,

numa relação de interdependência e influência mútua entre os três principais setores que fazem o funcionamento de uma banda: instituição mantenedora, maestro e músicos.



**Figura 1** – A perspectiva Foucaultiana da rede “microfísica de poder” aplicada no contexto das bandas de música.

### **3. As instituições mantenedoras e as bandas de música de Pedro Leopoldo/MG: hipóteses e resultados**

Atribuindo esta noção de poder às instituições que gerem as bandas, podemos então analisar alguns episódios referentes a um dos grupos em questão: a Corporação Musical Cachoeira Grande, fundada em 08/12/1912<sup>3</sup> por diretores e funcionários da antiga Companhia Fabril Cachoeira Grande, na cidade de Pedro Leopoldo. Compreender a atuação da fábrica como instituição mantenedora dentro da banda nos traz a reflexão sobre os limites de atuação da instituição, as questões institucionais que gerem as negociações e, principalmente, a hipótese de ter a arte como mais uma forma de exercer controle e domínio sobre o grupo, “minimizando” o estigma da música como entretenimento ou na melhoria da qualidade de vida de seus funcionários.

A banda foi formada para apresentações em eventos internos da Fábrica e externos - como religiosos, políticos, cívicos - impactando na vida de famílias em busca de trabalho e na sociedade pedroleopoldense<sup>4</sup>. Durante os anos em que a banda foi mantida pela instituição, as contratações eram realizadas pela mesma, além da escolha dos locais de atuação, maestros e, provavelmente, até o repertório passaria pela aprovação dos dirigentes da fábrica. Foram

encontrados registros de outros episódios onde a companhia contratava por vezes a família para que o maestro aceitasse o cargo de regente da banda, inclusive nos demais grupos:

Decorreram três anos e meio para construção do prédio e instalação do maquinário (da fábrica de tecidos). E para cá então, mesmo antes da inauguração da fábrica, vieram várias famílias, que passaram a prestar seus serviços na organização e funcionamento da indústria [...]. Dentre tais famílias, Cândido Moreira estava entre elas, com inúmeros filhos já adultos e com o fim de encontrar trabalho na recente indústria, nela labutando por anos. Cândido fundou a primeira banda de música, que passou a ter o nome da localidade, nome este que a Corporação mantém até hoje<sup>5</sup>. (FERREIRA, [19--])



**Figura 2** - Primeiro registro da Corporação Musical Cachoeira Grande, datada de 1924. Fonte: Jader Costa (PIETRA, 2016)

Segundo uma solicitação da fábrica, Cândido Moreira e o primeiro presidente da Corporação, José Nicolau da Silva Lopes (em destaque na Figura 2), reuniram-se em uma casa cedida pela empresa àquelas pessoas que sabiam tocar algum instrumento, para iniciar os ensaios da banda. Durante as décadas iniciais da Corporação, todas as despesas, incluindo instrumentos, uniformes e pagamento dos maestros eram mantidas pela Fábrica. No ano de 1920, com a troca da gerência da companhia, José Sérgio Machado (então novo gerente)

incentivou seu filho José Flaviano Machado a assumir a regência da Corporação e prosseguir com as funções nas mesmas circunstâncias.

Várias corporações<sup>6</sup> em Minas Gerais foram fundadas também por companhias têxteis e suas histórias se aproximam em muitos momentos, levantando a hipótese de que, para além das questões apresentadas até o momento, a prática musical em conjunto impactava também na produtividade da empresa e no desenvolvimento de um gosto comum entre os funcionários:

O interesse particular dos donos de fábricas é digno de nota. Para estes a atividade musical coletiva reforçaria a construção de um desejado espírito de grupo e teria seus reflexos na produção das fábricas. Estas corporações absorveriam o ideal de prática coletiva útil à produção, desenvolvido nas fábricas, e agora disfarçado sob uma suposta benevolência do senhor de terras, que garantia aos seus escravos um ócio moralmente edificante. O papel moralizante destas instituições aparece sob a própria estrutura dos conjuntos, onde podemos encontrar reflexos da hierarquia da sociedade de corte. E ainda, seu papel de dispersão de um gosto comum, explícito em seu repertório. (ABREU, 2012, p.559-560)

Tal prática era comum não apenas no contexto mineiro, mas em todo esse recorte que abarca o crescimento industrial brasileiro, onde as fábricas eram muitas vezes cosmogênicas e detinham serviços como saúde, educação, entretenimento, transporte, como um contrato social.

Retomando o cenário Pedroleopoldense, um dos momentos de grande representatividade na história local em que houve a atuação das bandas locais, foi a cerimônia de passagem de “Aldeia” para “Vila”, quando a lei Estadual nº 843 de 1923 elevou Pedro Leopoldo à categoria de Município, sendo este instalado em 27 de janeiro de 1924:

Nesse dia deslocaram-se para nossa terra, vindo de Belo Horizonte, altas autoridades do Governo do Estado de Minas Gerais. As ruas, todas elas, ornamentadas com suas bandeirolas coloridas, serpentinas e balões. Duas bandas de música tocando bonitos dobrados, movendo-se pelas ruas da cidade, abrilliantando a festa. Foguetes espocavam nos morros em volta, sinos da igreja Nossa Senhora da Conceição, no centro da cidade, não paravam de tocar. Foi oferecido aos convidados, naquele dia, um lauto banquete com a orquestra local, regida por José Flaviano Machado, brindando os presentes com belas músicas. (ISSA FILHO, 2014, p.95)

No ano de 1942, o maestro Mário Pereira da Luz, natural de Lagoa Santa e então morador de Confins, começaria a reger a banda a convite da diretoria da Fábrica. Seu processo de contratação foi um dos que mais nos chamou atenção na história da Corporação Musical Cachoeira Grande, pela forma como a Fábrica participou das negociações que pertenciam à banda, uma vez que era um maestro e compositor representativo na região, pela forte atuação

em grupos dessa formação. Mário Pereira da Luz, após recusar o cargo e negociar sua ida para Pedro Leopoldo, toda a sua família foi contratada pela instituição, inclusive uma filha de 9 anos. Além dessa contratação, a companhia doou uma casa para que ele pudesse abrigar sua família na mudança de cidade. A atuação e os registros historiográficos deixados por ele em forma de cópias e composições são de grande valia na compreensão do contexto social pedroleopoldense e das teias de poder que permeavam o fazer musical. Segundo o estágio atual do levantamento de sua obra, este maestro compôs mais de 40 peças para a banda e todas elas levavam nomes próprios de amigos, vereadores, diretores da fábrica, autoridades que vinham visitar a região e até hinos em homenagens a instituições:

Havia uma banda de música que, sob a regência do Mestre Mário, respeitado maestro e compositor, fazia alvorada pelas ruas de nossa terra – no dia de Nossa Senhora, a padroeira do lugar, no dia do aniversário da cidade e da fábrica de tecidos – tocando alegres músicas. (ISSA FILHO, 2012, p.64)

Em uma das etapas da pesquisa, ainda em andamento<sup>7</sup>, propomos a investigação das redes de sociabilidade que poderiam ser refletidas através de sua obra e que possivelmente tangenciam não apenas as questões associadas ao poder que envolvia a Corporação Musical Cachoeira Grande, e as demais bandas, uma vez que o maestro também esteve à frente da Corporação Musical São Sebastião de Vera Cruz de Minas e União Musical Nossa Senhora da Conceição. No período da regência de Mário Pereira da Luz, a sede da banda foi transferida para dentro do terreno da fábrica, o salão tombado pelo patrimônio histórico<sup>8</sup>, e que viria a se manter como local onde ainda acontecem os ensaios da corporação (que hoje se divide em dois grupos: banda e orquestra) e das aulas de música para novos interessados.

Após o falecimento de Mário Pereira da Luz, em 1962, vários músicos<sup>9</sup>, dentre eles o seu filho, foram se alternando nos trabalhos do grupo, tentando prosseguir o exemplo do maestro. Neste período, a gerência de José Sérgio Machado terminou e a relação da corporação com a Fábrica foi reduzindo até cessar completamente.

O processo de investigação documental e arquivística junto às demais bandas vêm sendo construído de forma polifônica, através de entrevistas e buscas documentais, para que seja possível traçar um panorama da prática dos grupos e compreender melhor a forma como as relações de poder impactaram no fazer musical. A ausência de referenciais bibliográficos que explorem a trajetória da Corporação Musical São Sebastião de Vera Cruz de Minas e a União Musical Nossa Senhora da Conceição, faz com que essa etapa metodológica de levantamento de material para construção do percurso histórico musical das bandas seja prosseguida para a análise das redes de poder. Até o presente momento, a única banda que

possui publicações é a Corporação Musical Cachoeira Grande (artigos, uma monografia e uma dissertação de mestrado) o que permite um estudo mais consolidado e exemplos que ilustrem esta realidade.

A Corporação Musical São Sebastião de Vera Cruz de Minas foi criada em 25 de Setembro de 1911 pelo maestro Mário Pereira da Luz e teve como o seu primeiro presidente, Manuel Severiano da Costa, possuindo seu contexto de fundação bem diferente da Corporação Musical Cachoeira Grande, uma vez que a principal atividade econômica de seu meio eram as práticas agropecuárias. As atividades que aconteciam na porção central do distrito de Vera Cruz, principalmente as de cunho religioso, eram marcadas pela presença da banda e, de acordo com relatos de integrantes atuais, os músicos daquele período moravam nas fazendas em torno da área central<sup>10</sup> e se deslocavam para o centro do distrito apenas em ocasiões pontuais.

Associando o contexto às leituras sobre outras bandas na mesma realidade, identificamos episódios onde os donos das fazendas obrigavam todos os músicos a frequentar e a auxiliar nos festejos das igrejas (ocasião em que a banda mais atuava). Neste âmbito, a hipótese que os grupos eram muitas vezes submetidos a uma coletividade hegemônica cultural é considerada, cerceada pelas forças mantenedoras das relações socioeconômicas do local, neste caso: os donos das fazendas. Embora seja ainda prematuro afirmar se este posicionamento encontrado nas pesquisas de mesmo contexto poderia ser análogo à realidade da banda em questão, o relato de autóctones atesta a força hegemônica da classe de fazendeiros da região. Os trabalhos acadêmicos sobre grupos de formações similares apontam para tal prática, mas reconhecendo as corporações como únicas e singulares, julgamos necessário avaliar através do cruzamento de diversas metodologias como entrevistas, levantamento documental e análise iconográfica que ainda estão em andamento, para confrontar os resultados a fim de buscar possíveis respostas para lacunas que se encontram abertas (não na expectativa de contemplar todas as lacunas mas de fazer uma análise de forma mais coesa possível).

A criação do terceiro grupo em questão, também da cidade de Pedro Leopoldo/MG - União Musical Nossa Senhora da Conceição - se deu em 23 de agosto de 1932. Contudo, após analisar “Ata de recebimentos e início dos trabalhos”, verificamos que há registros de atividades musicais e didáticas desde o ano de 1928, cujo regente fundador também foi Mário Pereira da Luz. Diferentemente dos demais distritos abordados, a localidade de Fidalgo, onde a banda está inserida, foi fruto da rota comercial dos bandeirantes e as famílias eram ribeirinhas ou pessoas que estavam de passagem pela região e resolveram se instalar (também em função da forte exploração arqueológica em cavernas e grutas locais). A banda foi criada por famílias locais,

que contrataram o maestro, financiaram os instrumentos, as aulas e levava o nome da igreja católica do distrito.

Alguns nomes de pessoas que financiaram a fundação da banda, membros da diretoria, músicos e alunos da época, foram identificados em títulos das composições de Mário Pereira da Luz, e a atuação destas pessoas no contexto social está sendo analisada, a fim de verificar se havia uma relação de poder ou hierarquia explicitada musicalmente na relação *contratado x contratante*, por exemplo.

Após o desligamento das três bandas com as instituições que as geriram desde a fundação, os grupos são mantidos pela prefeitura local, pelo menos nos últimos 50 anos. Assim, as relações de poder antes exercidas por diferentes instituições mantenedoras, atualmente podem ser analisadas no cotidiano das bandas, onde a própria submissão à troca de gestão (e com elas os impactos nos investimentos), a constante readaptação a essa troca, a salvaguarda na área cultural, necessidade de reafirmação da importância de tais grupos no contexto atual da cidade, são alguns dos desafios e expressões de poder identificadas em diversos momentos dessa nova forma de “contrato social”.

As demandas por parte da prefeitura, adaptação do plano de trabalho, valores nos convênios, participações em eventos cívicos, inaugurações, desfiles, atendimento à sociedade local (antes geridas pelos estatutos individuais de cada grupo), são evidências que o poder ainda cerceia a prática e a relação instituição/banda (muitas vezes nomeado em edital como “contrapartida”).

### **3. Considerações finais**

O paralelo Foucaultiano nos permite a compreensão das bandas como peças constitutivas e participantes diretas da teia social, tanto no sentido do lazer, entretenimento, sociabilidade, como caminho de subserviência aos interesses que representam as formas de poder e as dinâmicas de relações implícitas no mesmo. Ao ser contraposta futuramente com outros trabalhos, e após a conclusão do levantamento do percurso histórico musical das três bandas, buscamos compreender como as narrativas e as relações de poder são transformadas ao longo dos anos na prática musical de tais grupos, sobreviventes de temporalidades distintas, o que inclui hierarquias sociais, costumes e valores que certamente impactam no fazer musical dos grupos em Pedro Leopoldo/MG.

Ampliar este olhar na relação “instituição mantenedora x banda” nos possibilita conceber tais grupos como um dispositivo para uma cultura oficial (explícita em seu repertório, estética e gostos) e reconhecer seu papel na dinâmica das redes de sociabilidades:

Desta forma, comerciantes, imigrantes, fazendeiros, grupos educacionais e operários contaram com corporações musicais voltadas para representação de suas classes e ideais. Dentro de um cenário de rica atividade artístico-cultural, as bandas de música viriam a trazer enlevo aos seus participantes e aos segmentos que estes representavam. (ABREU, 2012, p.559-560)

O objetivo de compreender a forma como as relações de poder aconteceram dentro das instituições criaram e mantiveram as bandas financeira e patrimonialmente, destacam os limites de atuação burocrático/musical, os impactos musicais e, ainda, permite correlacionar as realidades dos três grupos, nos levando a refletir sobre o poder referente ao domínio patrimonial de forma mais ampla. Em suma, sob as perspectivas de Michel Foucault, podemos entender o quanto o poder se encontra intrínseco, nos vazios, nas lacunas das interrelações entre os eixos que constituem o funcionamento dos grupos, como uma relação flutuante que não está contida em uma instituição nem no indivíduo, mas nas negociações e teias que circundam o fazer musical das nossas bandas.

### Referências

ABREU, Alexandre José de. As bandas de escravos e o panóptico foucaultiano. *Anais do XXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música/João Pessoa*. João Pessoa, 2012. p. 559–565.

FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes, e RAITZ, Tânia Regina. (2010). As relações de poder em Michel Foucault : reflexões teóricas. In: *Revista de Administração Pública*, 44(2), 2010. P. 367–383.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: *Microfísica do Poder*. RJ : Graal, 1984. p.15 – 39.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

ISSA FILHO, José. *Retalhos de saudade*. Pedro Leopoldo: Editora Tavares, 2012. p.160.

ISSA FILHO, José. *Na época do Bar do Caçula*. Pedro Leopoldo: Editora Tavares, 2014. p.200.

PIETRA, Ana Carolina Malaquias. *Do apito da Fábrica aos sons da orquestra: percurso histórico-musical da Corporação Musical Cachoeira Grande*. Belo Horizonte, 2016. Dissertação (mestrado). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-AEDP7S/1/do\\_apito\\_da\\_f\\_brica\\_aos\\_sons\\_da\\_orquestra\\_\\_\\_pronta.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-AEDP7S/1/do_apito_da_f_brica_aos_sons_da_orquestra___pronta.pdf) . Acesso em: 26 ago 2020.

VIEIRA-SILVA, Marcos; MIRANDA, Sheila Ferreira. Poder e identidade grupal : um estudo em corporações musicais da Região das Vertentes. *In: Psicologia & Sociedade*, 25(3), 2013. P. 642–652.

## Notas

---

<sup>1</sup> O levantamento histórico-musical dos grupos ainda se encontra em andamento, para referida pesquisa de doutorado.

<sup>2</sup> Caderno de Rosária Laranjeira – 24 de julho de 1923. Disponível no Acervo Geraldo Leão, em Pedro Leopoldo/MG.

<sup>3</sup> Apesar do aniversário de fundação do grupo ser comemorado nesse dia, essa data remete à primeira apresentação da banda, segundo relatos historiográficos encontrados em PIETRA (2016).

<sup>4</sup> Neste mesmo período foi criado o “Clube da Fábrica”, onde eram oferecidas atividades esportivas, bailes dançantes e shows de jazz.

<sup>5</sup> FERREIRA, Elysio Alves Gonçalves. “*A verdadeira história da origem de Pedro Leopoldo*”. Publicado pelo periódico local, nomeado de “Oficina Humana”. [19--].

<sup>6</sup> A exemplo das bandas de Caetanópolis e Uberlândia.

<sup>7</sup> Com previsão para defesa em Julho/21. E poderá ser lida futuramente no banco de teses da instituição de ensino.

<sup>8</sup> A Fábrica hoje está inativa e foi demolida, e de todo seu circuito resta apenas sua antiga chaminé e a casa da banda. A Corporação Musical Cachoeira Grande possui autorização e registro, cedendo o espaço para utilização do grupo por tempo indeterminado, mesmo que nos dias atuais o terreno pertença à uma empresa de transportes.

<sup>9</sup> Estes foram os músicos que se revezavam nas atividades de regentes: Ubino Joaquim de Souza (Bino Baiano), Tiago Venâncio, Geraldo Gonçalves da Silva José Tibúrcio dos Santos, José Pereira da Luz (filho de Mestre Mário) e Antônio Barbosa Chaves.

<sup>10</sup> Discutir posteriormente as formas de prática musical no Brasil escravista e as irmandades religiosas poderia possivelmente lançar luz sobre a atuação de da Corporação Musical São Sebastião de Vera Cruz de Minas nos anos iniciais.